

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“A CIDADE CRESCE COMO URTIGA”: AS REPRESENTAÇÕES CIDADINAS NOS ROMANCES FICCIONAIS.¹

Márcia Suely Oliveira do Nascimento.

Mestranda em História na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

marciasuely90@gmail.com

RESUMO: O presente artigo traz algumas reflexões sobre o processo de elaboração de memórias e representações sobre a Feira de Santana da década de 1940, a partir da contraposição entre os romances *O Lobisomem de Feira de Santana*, de Fernando Ramos e *o Setembro na Feira*, de Juarez Bahia.

Palavras-chave: literatura, cidade, representações.

A existência humana, dentro de um determinado espaço urbano é permeada pelas regras de convivência e pelas condições socioeconômicas, políticas e culturais que estabelecem normas de conduta capazes de viabilizar e pôr em prática, os discursos que transpassam a elaboração de uma urbe idealizada em conformidade com as categorias sociais, que detêm ou representam o poder local. Mas, dentro de um núcleo urbano nem mesmos as “vozes” dominantes são uníssonas. A diversidade de habitantes ao vivenciar esse espaço como território, promove a multiplicidade nas formas de pratica-lo num movimento de adesão e contraposição à realidade ideada.

Como moradores desse lugar, os feirenses revelam suas especificidades, e expõem tanto a submissão à ordem social imposta, quanto o desenvolvimento de estratégias próprias para viver na cidade. Dentre essas “gentes”, destaco aqueles que além de apreender, escreveram textos que ultrapassaram a simples descrição. São os leitores/escritores feirenses, especificamente, Fernando Ramos e Juarez Bahia.

Inicialmente, lembrando Ricoeur (2007, p.250), atento que “o leitor está ausente do ato de escrever; o escritor está ausente do ato de ler. O texto produz, portanto, um duplo eclipse de leitor e escritor”, o que me faz apresentar as obras e seus autores.

¹ Esse artigo é parte das reflexões realizadas ao longo da escrita da dissertação em desenvolvimento, no Mestrado em História (UEFS).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fernando Lysesfrank Sousa Ramos, segundo Jorge Araujo (2008, p. 260) era baiano de Feira de Santana, nascido em 1934 e falecido aos 76 anos de idade, foi escritor, jornalista e advogado. Nos jornais, como o *A Tarde* e o *Feira Hoje*, assumiu, respectivamente, as funções de crítico e editor. Participou do elenco de “*Um crime na rua*”, um curta metragem de Olney São Paulo o que demonstrava sua paixão pelo cinema. Enquanto escritor, além de textos publicados nos jornais, como o folhetim “*Meu nome não é Vargas*”, escreveu romances como *Os Enforcados* (1969) e *O Demônio* (1970), os quais ganharam o Prêmio Jorge Amado em 1968 e 1969 respectivamente, e *O Lobisomem de Feira de Santana* (2000) obra que utilizo enquanto uma das fontes de pesquisa.

O Lobisomem de Feira de Santana, lançado pela Secretaria de Cultura e Turismo/ Empresa Gráfica da Bahia, e reeditado em 2002, consiste em um romance, que segundo o próprio autor (2002, p. 6) “é uma homenagem ao povo de Feira de Santana, minha terra. Tem algum valor literário. Vários episódios inexistiram. Outros existiram. Afinal, é uma obra de ficção”.

Ambientado em Feira de Santana, as ações de *O Lobisomem de Feira de Santana* se passam no ano de 1945. Nele são narradas situações do cotidiano da cidade bem como de seus personagens, a partir do protagonista Permínio Andrade, rapaz de família da classe média feirense, e do próprio autor, que é representado como o adolescente Fernando Espírito. Apesar de nominar o romance, o lobisomem é apenas um elemento com um quê ficcional transparecendo o gosto do autor pelo cinema. Os capítulos são organizados em *rounds*, que, ao expressar fatos e ações de uma realidade da vida social da cidade provenientes das memórias do autor, evidencia uma Feira de Santana distante dos ares da modernidade.

Benedito Juarez Bahia, baiano de Cachoeira, nasceu em 1931, escreveu romances como *Setembro na Feira* (1986) e *Ensina-me a ler* (1994), além de outras obras sobre imprensa e jornalismo, e faleceu em 1998. Foi jornalista, professor, escritor, advogado, publicitário e consultor de empresas nas áreas de Comunicação, Administração Editorial e Jurídica (ARAÚJO, 2008, p.320).

Aos 15 anos, já escrevia no jornal feirense *Folha do Norte*, mas projetou-se na cidade de Santos, onde trabalhou no *Diário de Santos* e *A Tribuna*. Foi autor de artigos para diversos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

jornais, tais como *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e *Visão*, atuando também para a implantação da TV Cultura, em São Paulo.

No romance, *Setembro na Feira*, Juarez Bahia delineou o cotidiano de Feira de Santana nas décadas de 1930/1940, atentando para as suas mudanças urbanas, o que é descrito através das impressões do protagonista Florêncio diante da emergência da rodovia BR-116, do surgimento dos bairros e da expansão urbana. Em sua narrativa, percebe-se a semelhança entre o autor e o protagonista, o que aponta para uma identificação da cidade a partir de suas memórias, da vivência no subúrbio e das paisagens e elementos rurais e urbanos.

A concepção dos autores enquanto testemunhas, partícipes e intérpretes do momento histórico aqui retratado, mais precisamente o cotidiano da Feira de Santana da década de 1940, levam-nos a reconhecer ambos como sujeitos ativos do seu processo de elaboração das representações dos aspectos diários da cidade. Ao nos referirmos aos sujeitos, compreendemo-los, portanto, enquanto indivíduos, grupos ou classes sociais que participam dos processos históricos, seja de maneira consciente ou inconsciente.

No caso específico dos escritores, foram cidadãos que acompanharam as permanências e transformações desse espaço urbano, buscando interpretar os novos sentidos que elas conferiram a vida cotidiana.

Essa relação estabelecida entre o indivíduo e sua cidade, repleta de sentimentos diversos, tais como a sensação de pertença, de identificação, a criticidade e o estranhamento são expostos por meio de seus relatos, que sofrem a ação dos modelos discursivos e das ideias próprias do seu tempo de escrita. De acordo com Certeau (2011, p. 184), os relatos são “prática do espaço”, ou seja, as estruturas narrativas seriam como sintaxes espaciais

[...]. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.

Esse exercício do “olhar” que observa a paisagem remodelando sua imagem, conflui em projeções da realidade a partir de referências pessoais. Por meio do sentir e viver a cidade, cria-se a transmutação das experiências para o texto. Em busca dessas percepções que trazem em si as subjetividades dos sujeitos, traço comparativos e reflexões sobre os imaginários constituídos na forma de relatos de vivências na Feira de Santana.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo Boffil & Verón (2002, p.33), “à cidade se aprende antes de tudo pelo olhar. Objeto visual[...], ela dá lugar a uma percepção perpetuamente renovada[...]. É pelo contato sensível direto e constante que nós a vivemos cotidianamente, pelos seus odores, seus barulhos, seus espaços”.

O espaço cidade, ao ser apreendido pelas percepções e vivências, sejam elas individuais ou coletivas, revela tanto as formas próprias de ser e estar quanto a multiplicidade social que conferem sentido às imagens cotidianas. Há uma identificação com a cidade proporcionada pela vivência e pelas memórias, assim como há estranhamentos.

Em relação à narrativa literária, é preciso se atentar para o objeto de escrita do autor, assim como, para o “contato” estabelecido com esse componente que ao ser traduzido em texto revela suas apreensões, valores, desejos; numa alteridade de sentidos diante desse “mundo” do qual faz parte ou que passa a ser alvo de suas reflexões.

Dessa forma, a análise das representações sobre a Feira de Santana da década de 1940, principia-se a partir de um olhar direcionado aos títulos dos romances aqui utilizados. *O Lobisomem de Feira de Santana*, de imediato, remete seu leitor ao imaginário interligado ao mito folclórico do homem-lobo, algo característico de cidades pequenas, interioranas. Por sua vez, o *Setembro na Feira*, faz alusão ao mês marcado pelo início da primavera, das chuvas, numa clara menção às condições naturais da terra.

Pensando a dimensão simbólica da palavra, a referência ao lobisomem atribui e reforça a ficcionalidade da obra literária. Já a referência ao mês de setembro traz um simbolismo em si, mas não o remete ao inexistente. A simbologia da palavra rememora a influência da paisagem natural, a ligação entre o homem e a natureza e a renovação advinda das mudanças cíclicas presentes na terra, mas também no próprio ser humano, ou seja, o nascer, crescer, amadurecer e morrer.

Entrevê-se, que são visões complementares entre si na medida em que, exprimem a ideia de uma cidade interiorana, mas que se distanciam quando levamos em consideração a influência dos grupos sociais em que cada autor viveu, e que por sua vez, influenciou sua imaginação.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As imagens e referências elaboradas nas narrativas, inicialmente, apresentam distinções na forma de nomear/referir-se ao município. Em Ramos menciona-se “*a cidade*” sem utilizar sua nomenclatura, Feira de Santana. Estabelecida enquanto estrutura social e territorial de espaço e lugar, é passível da interferência de seus habitantes, que determinam seu progresso ou atraso.

Se a cidade era construída na indigência, muito decreto-lei getulista trouxe melhoria contra o infortúnio. [...] A cidade não era (não é) feia: bem traçada, sem intimidades com a ladroagem, acendia o lume nas sobranceiras do fastio, as noites como vestidos rodados. [...] Não havia malucos, homossexuais (quem era, era escondido), edifícios. Só casas baixas, telhados. As lojas não possuíam pedantismo ianque, eram antigas, com o metro para pano e vitrinas desencorajadas para o luxo (2002, p.101).

O espaço cidade descrito por Ramos é perpassado pela impessoalidade. Enquanto munícipe salienta o traçado urbano com destaque para a estrutura física das casas, a simplicidade das lojas, sem situações de furto ou ladrões. Ainda nesse trecho é possível se observar uma certa monotonia citadina, expressa na ausência de menção às suas características naturais, nem alusão a aspectos que possam se interligar a um “imaginário” de Sertão. Há uma ênfase na pacatez, mas também na maneira desorganizada pela qual a urbe se desenvolve.

A cidade cresce como urtiga. De modo doido. Precisamos podar o desnecessário. A ditadura vai deixar tumor, desemprego, sem planejamento familiar. As mulheres devem parar o parimento. Não há indústrias, não há casas comerciais. Só os ricos terão vez. Os pobres serão enforcados pelo desemprego, trabalhando somente às segundas nas feiras de verduras. Quem for ocioso, se baterá com a escassez (2002, p.74).

Se as narrativas são representações sobre uma realidade, pode-se tecer reflexões sobre o uso do termo urtiga como caracterização de um lugar. Segundo Rocha (2005, p.709), urtiga é a planta cuja haste e folhas queimam e fazem a pele arder. Transferindo essa noção de incômodo para uma localidade, seria possível afirmar que o autor percebe um crescimento natural, rápido e desordenado, que conseqüentemente ocasionaria graves problemas sociais aos cidadãos.

Ao enfatizar que os pobres, seriam os sujeitos urbanos a sucumbir com o desemprego e a miséria, Ramos evidencia algo desagradável a ordem urbana, ou seja, o crescimento populacional desordenado e a ausência de uma infraestrutura capaz de absorver essa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

população, tal como, tece uma crítica a ausência de políticas públicas que beneficiassem o município com o desenvolvimento do comércio e da indústria local.

Ademais, em *O Lobisomem de Feira de Santana* as citações sobre a feira de gado estão interligadas ao enfado como em “[...] quando a cidade era o supra-sumo da poeira e do tédio, nas segundas-feiras da compra e venda de gado” (2002, p.62), evidenciando a concepção dos elementos pertencentes ao espaço rural conexos à ideia de oposição a tudo que se refere ao moderno, ao que agita e “alimenta” o progresso de um lugar. Essa alusão ao campo enquanto referência de atraso é retomada em outra passagem do livro, que atribui ao habitante da zona rural um não saber, uma ignorância.

O espanto, numa cidade pequena, vira transtorno, é como um dirigível no céu. As pessoas julgam uma licença do astral contra o planeta, rezam, acendem velas. Porém aqui não está tão atrasado assim. Com a guerra, dirigíveis tem aparecido, caças da aviação americana trafegam e somem, e o campo de pouso não vale nada. Só os que ouvem rádios, lêem os jornais e vão ao cinema, se orgulham com o progresso. Quem habita a zona rural, inesperadamente é empurrado para a ignorância (2002, p.98).

Nota-se, claramente, como o universo do autor determina as suas representações principalmente em relação à sapiência e ao “moderno”. O conhecimento passa a ser algo restrito àqueles que possuem o acesso aos meios de comunicação, e a cultura propagada pelo cinema.

Ora, na década de 1945, a Feira de Santana apresentava uma população rural muito maior do que a população urbana. Eram poucos os que sabiam ler e tinham acesso ao cinema,² o que me faz afirmar, que ao partir de valores e costumes próprios do seu mundo social, Ramos traduz o desejo de padronização cultural de parte das elites urbanas.

Ao mesmo tempo, Fernando Ramos faz críticas a ausência de um dinamismo do comércio, caracterizando-o como possuidor de “um sinal visível de tristeza, local onde a

² Para maiores informações sobre a composição da população da cidade nesse período assim como da cultura e espaços de lazer ver dentre outros, os estudos de OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)*. Tese de doutorado em História, UFPE, Recife, 2008; OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana Moraes. *De Empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana*. Dissertação de Mestrado em História, Salvador, UFBA, 2000 e *Canções da cidade amanhecendo*. EDUFBA, Salvador, 2016; SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. *Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919-1946)*. Dissertação de Mestrado em História, Feira de Santana, Ba, 2002.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

preguiça balbucia” (2002, p.74) numa menção à comercialização escassa com poucos consumidores.

Para além desses aspectos, há na narrativa do autor um desenvolvimento de uma trajetória pela cidade que estabelece diferentes territorialidades, com citações de lugares e espaços tais como: a Kalilândia, Marechal Deodoro, Getúlio Vargas, Avenida Senhor dos Passos, Ferro do Engomar, Igreja dos Remédios, Paço da Prefeitura, Cine Santana, Alto do Sobradinho, Ladeira do Najé, Olhos d’Água e o Tanque do Urubu. Cada um desses lugares ou bairros são caracterizados enquanto centro ou subúrbio, seja pelo próprio autor/narrador, seja através da fala de algum personagem, o que torna evidente a demarcação das classes sociais e dos ambientes.

Ao descrever as ruas da cidade, Ramos exerce sua criticidade apontando a ausência de calçamento, como na Rua de Aurora, ou externando preferências pessoais mais subjetivas, como em relação as ruas como a Rua Tertuliano Carneiro, que qualifica como uma rua desagradável e torta (2002, p.40), ou ainda na caracterização das moradias e igrejas, dentre as quais privilegiava as habitações das classes mais abastadas.

Para analisar as visões cidadinas traçadas no *O Lobisomem de Feira de Santana*, é imprescindível atentar para o lugar social do autor. A sua projeção urbana tem como princípio o local que ocupa nessa sociedade. Advindo de família de comerciantes locais, habitava a região das proximidades da Igreja da Matriz numa ampla, “casa feita em 1929 que sequestrou onze quartos e quatro salas” (2002, p.39), e tinha por lazer e passatempo as idas ao cinema. Doravante o “tripé” composto pelo comércio-devoção religiosa-cinema, estrutura-se o imaginário exposto em sua obra, que elabora uma concepção de cidade a partir da representação da antiga Feira como um lugar provinciano detentor de um cotidiano vagaroso e desenxabido. Lugar da monotonia, das lacunas.

E aqui, enquanto historiadora busco desvelar através do texto construído por Fernando Ramos, as memórias que implicaram na elaboração de uma imagem dessa vida urbana enquanto monótona. Para isso, atento ao tempo de escrita.

O Lobisomem de Feira de Santana, foi lançado no ano de 2000, mas começou a ser redigido em 1998. A sua narrativa é ambientada na Feira de Santana do ano de 1945.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nesse período, Fernando Ramos era um menino de 11 anos. Certamente recorreu, para a sua obra, às suas memórias de infância. Uma meninice de brincadeiras em casa, de idas a Igreja, de ouvidos atentos às conversas dos adultos e do passeio vespertino ao cinema.

O ambiente da rua com suas brincadeiras e jogos era alvo de desejos e inquietações para o autor, algo explícito em sua narrativa e que saliento aqui por meio desse trecho.

[...] Demoníacos meninos, com bola de bexiga de boi, imitavam jogadas intranquilas, gritavam nomes de jogadores argentinos do River Plate (a máquina), como Rinaldo Martino, um craque imaginativo, tão grande como o brasileiro Zizinho e o ameaçador e estético Moreno. [...] O Espírito, de uma das duas cajazeiras, binoculava a bola de bexiga sendo esfolada doidamente por pés descalços pouco esculpidos, não-artísticos, imitadores da díade Martino-Pedernera, ídolos do Campeonato Sul-Americano de 1945. [...] Constantemente, o Espírito, revoltado com a falta de imaginação dos caras em assassinar o gol, descia do pé de pau, trepava noutro pau, subia no muro, descia o muro, e ia ensinar como se fazia gol à la Jair da Rosa Pinto ou Felix Loustau (2002, p.38-39).

Evidente, é a vontade do Espírito, que no livro é o personagem que representa o próprio Fernando Ramos, em participar do jogo na via pública. Algo que o faz realizar estripulias. Provavelmente, aqueles que participavam da brincadeira não eram do círculo de amigos do autor, afinal ele está como expectador do jogo de bola de bexiga de boi.³ O que por sua vez, não o impede de fazer intervenções na jogada, como podemos perceber a partir da citação anterior.

O resgate dessa lembrança afetiva de seu passado, demonstra as memórias⁴ elaboradas por ele enquanto criança, o que o faz reconhecer o Cine Santana como essencial a sua infância. Ao elencar o cinema como sua fonte de lazer e diversão enquanto garoto, Fernando Ramos, revela a influência desse “mundo” cinematográfico em sua vida e escrita, e evidencia a sua meninice.

Nesse rememorar particular tecido pelo autor, em seu texto, delinea-se um lembrar que atribui a cidade o marasmo existente em sua infância. A Feira de Santana da década de 1945, foi o espaço revelado por trás dos muros de sua residência ou pela tela do cinema

³ Em relação ao futebol de rua e as críticas e reprimendas a esse ver dentre outros Vagabundos ou atletas? In: OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. Op.cit. p.62-78.

⁴ Sobre memória, lugar de memória e história ver dentre outros NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. *Projeto História- “Os trabalhos da Memória”*, São Paulo, n.10,p.7-28,1993.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ou pelos sermões do clérigo nas missas dominicais numa rotina impregnada pela monotonia.

Em contrapartida, Juarez Bahia nos oferece uma outra possibilidade de se divisar e pensar a mesma realidade cidadina. Retomando um pouco para a simbologia das palavras, a cidade que se descortina pelo representar do autor é dinâmica, acolhedora e detentora de condições singulares pois “os grandes horizontes estão aqui, nenhuma terra é mais generosa. Ali nasce o sol, lá o sol se põe, entre nascer e o pôr, a terra verde e pura” (1986, p.211).

Lugar de interligações entre o homem e a natureza, a urbe é nomeada no romance a partir do termo “Feira”, o que instiga a duas interpretações iniciais: a primeira como menção a feira livre do município, e a segunda como o dia de descanso, caso se remeta à etimologia da palavra⁵. Ambas são presentes na obra, e demarcam a personificação que lhe atribui o autor, ou seja, lugar citadino caracterizado pelo movimento, pela transformação, pela natureza convidativa a contemplação e descanso.

Ao invés da “urtiga” que repele seu habitante, em Bahia há a “terra da promessa” (1986, p.66), expressa por traços sertanejos que se remodelam, permitindo o surgimento do novo, instigando sua população a progredir.

A Feira com os Currais se transforma, passando de um centro de pequenos negócios, de pequenos serviços, de intercâmbios artesanais a um enorme entreposto com seu mercado de produtos agrícolas e pastoris, seu grande comércio e sua nascente indústria com os estabelecimentos de beneficiamento do fumo, do algodão, do couro. O gado descortina essa nova era comercial e industrial, os Currais Modelo dão à cidade o aspecto de uma província do ouro que para chegar ao ápice só espera o fim da rodagem para o Sul (1986, p.36)

A Feira, representada no romance, assume ares alternados entre a imagem da terra acolhedora que “afetuosamente”, como uma mãe abriga todos aqueles que adentram seu espaço promovendo uma “humanidade” própria (1986, p.158), ou como uma musa amante repleta de bondade e meiguice “tão mansa e boa, tão meiga e doce que se tem vontade de dormir com ela, fazer sexo, amá-la por toda vida” (1986, p 214). A visão

⁵ A palavra feira vem de feria, que em latim, significa “dia de descanso”. O termo passou a ser empregado no ano 563, após um concílio da Igreja Católica na cidade portuguesa de Braga. Informações disponíveis no site www.tirodeletra.com.br acessado em 27/02/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

erótica da cidade revela uma certa fusão entre o sujeito e o lugar ao mesmo tempo que demonstra a elaboração de uma identidade para a Feira.

Para mais, a multiplicidade do campo social expressa a partir da formação de um “espírito feirense” (1986, p 40), que diferencia seus habitantes singularizando a terra, impregnando-a do que Juarez denomina de “humanidade da Feira”, aliado a uma herança do passado marcada pelo comércio do gado e pela feira livre, que são, segundo o autor, elementos fundamentais para o desenvolvimento e crescimento da cidade, constituem o “núcleo” a partir do qual se expande a urbe atraindo para si pessoas de destinos diversos, num movimento incessante de ir e vir, com a permanência de alguns.

De repente, Florêncio se convence de que a rodagem, o asfalto, o gado, as indústrias, transformam a Feira na terra da promessa. Alagoanos, piauienses, sergipanos, pernambucanos, cearenses, capixabas, rio-grandenses-do-norte, gaúchos, paulistanos, portugueses da Madeira, espanhóis da Galícia, turcos, sírios, judeus, libaneses, russos, americanos, essa gente a chegar também vem à procura da promessa (1986, p.66).

Para Bahia, são justamente os elementos e tradições rurais da Feira que alavanca a terra para a prosperidade futura, o desenvolvimento comercial e industrial atuando como “imã” atrativo das populações migrantes das mais diversas regiões. Salienta-se o quanto o autor, enquanto um observador das modificações que vão sendo traçadas no cotidiano da cidade, constitui leituras particulares desse dia a dia.

A cidade que propõe um futuro melhor, é a mesma que o destina a pobreza, a desfrutá-la a partir da periferia, das impressões dos “populares” a impregnar a territorialidade traçada na sua narrativa.

Daqui, estendendo-se a vista, haveria de se descobrir diluindo-se no horizonte o Tanque da Nação, de um lado a Pedra do Descanso nas matas do Oeste e, de outro, banhado de luzes, bafejado de fé, o Alto do Cruzeiro onde a gente de Deus, como os vaqueiros que procediam de todas as direções, depositava suas promessas. Vales, vertentes, fontes, mananciais, verdes pastagens. Mais distante, para o Sudeste, Olhos d’Água (1986, p. 10).

Apreende-se que para Bahia, a geografia urbana delineia-se a partir do subúrbio, o que fortalece a ligação com os aspectos naturais, já que em princípio são áreas não priorizadas pelas transformações urbanas.

Reconhecer esse lugar social do autor é essencial para entender sua representação sobre a localidade e sua população. A narrativa elaborada no *Setembro na Feira*, traz ênfase

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nos elementos que fogem da demarcação do centro citadino. Ao invés da Igreja da Matriz, das avenidas e ruas padronizadas, do comércio, da cultura letrada, o que se evidencia são as maneiras pelas quais os sujeitos ocupantes das periferias estabeleceram táticas populares para burlar o controle social elitista, que mesmo eventualmente distantes, atuava nas práticas e relações cotidianas.

O contraponto entre esses autores, revela a forma pela qual se apropriaram da cidade, erigindo representações individualizadas, e nos leva por meio dos seus personagens principais, o Florêncio e o Permínio (ambos observadores da realidade), a alcançar o desenvolvimento de uma trajetória pelo espaço urbano feirense que contempla as vivências, as ressignificações das práticas cotidianas, mas também as mazelas, os conflitos.

Ambos, percebem na cidade, a pobreza e todos os seus infortúnios, e se utilizam de elementos diversos para demonstrar a desigualdade social. Ramos, a partir da percepção de classes sociais distintas, caracterizadas como ricos e pobres, retrata esses dois estados de vivência social por meio do olhar crítico do exercício caritativo. E aqui é preciso lembrar que o seu núcleo familiar (os pais) era praticante do espiritismo kardecista, o que provavelmente influenciou seu posicionamento social diante da miséria. Na sua narrativa a Igreja exerce o papel da benevolência, conclamando os fiéis para a prática da doação e caridade, além de ser o espaço de visibilidade da mendicância situada ao redor do templo católico.

Em volta do cruzeiro da Igreja, com o coreto minando a praça, mendigos e deficientes físicos se acamparam, um deles mais bem composto, mais velho, mais sabido, no portão principal antes do adro, com metade de uma cuia de queijo, pedindo: 'Ajuda Nivaldo Santos, gente que a coisa está preta' (2002, p.72).

O autor na sua crítica, faz uso do exemplo do Nivaldo Santos, para salientar o descaso e a aversão das elites feirenses para com os pobres, assim como as táticas populares para criar a comoção necessária à garantia da esmola.

Nivaldo Santos, de dentes de desfiladeiro, anda decepcionado com a ingratidão de certas mulheres ricas que passam o portão da igreja. Nem olhava o pedinte. Seria ultraje. [...] Junto de Nivaldo Santos, uma mulher bexigosa, de costas avantajadas, insultando os quarenta e poucos anos prontificou dois rebentos menores para insistir na caridade. Ela mesma amante da artimanha, amarrou

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma gaze na perna direita, doente de araque, tocando no nome da padroeira “Santana é mãe, não é madrasta”, expunha lugar comum pérfido (2002, p. 72).

Ademais, a “amabilidade” existente entre a Igreja Católica representada pelo padre e os mendigos, é compreendida pelo autor enquanto ação religiosa de assistencialismo aos mais pobres baseada na alusão da caridade por meio dos sermões dominicais. Mas essa atitude clerical não ficou isenta da crítica e ironia de Ramos, que salienta a proibição dos mendigos dentro da igreja, afinal “o padre Amílcar é camarada. Não deixa é a gente entrar na igreja. O administrador diz que a gente vai sujar os anjos” (2002, p.73).

Ao atentar para a indignância, Ramos evidencia tanto a existência de espaços específicos para a pobreza, como também, o desemprego e a concentração de renda na cidade, por meio da notificação de camelôs na porta do mercado, dos mendigos à porta da igreja, assim como, da citação de comerciantes locais e suas vivendas caracterizadas com detalhes, como a chácara de Coriolano Carvalho, a mansão de Hildebrando Ramos ou a moradia do padre Amílcar com “sua vivenda de nove janelas” (2002, p. 79).

Para interpretar essa realidade de diferenças sociais, Ramos, resgata fatos, tais como a inauguração da Associação Comercial de Feira de Santana “com homens lordes considerados de conduta irrepreensível que garimpavam em vários ramos” (2002, p.80), numa evidência do crescimento da importância da atividade comercial, bem como da influência desses homens no município.

Para além disso, por meio do episódio de um surto de gripe na cidade,⁶ o autor pontua principalmente, o impacto da enfermidade nas classes menos favorecidas e a ausência de hospital e recursos adequados para conter a doença.

O surto de gripe tinha uma dupla finalidade: derrubar muita gente com medo da morte e preocupar a Saúde Pública desprovida de recursos e apoiadores. A prefeitura convocou enfermeiros de cidades vizinhas como Cachoeira e São Gonçalo dos Campos. [...] Trinta pessoas, todas de classe inferior, se viram amordaçadas pelos vírus (2002, p. 110).

⁶ Ao que tudo indica o autor faz referência a gripe coreana que assolou a Bahia no final da década de 1940. Para saber mais indico o artigo de VIEIRA, Guilherme Augusto & BAIARDI, Amílcar. *O pioneirismo da Bahia no isolamento do vírus da “gripe coreana” em 1951 e a possibilidade de desenvolvimento de uma vacina específica*. Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional d História da Ciência e da Tecnologia – 14ºSNHCT. Belo Horizonte, Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2014.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao erigir essa imagem da cidade marcada pelo marasmo e pela carência de assistência social e econômica, Ramos atenta também para a instrução, ou melhor, para as restrições à educação da população, haja vista que era necessária uma certa quantia em dinheiro para custear os estudos no Ginásio Santanópolis.

A referência ao ensino feita pelo autor em sua escrita exprime uma representação que interliga o analfabetismo populacional à cidade do atraso, como quando menciona-a explicitamente como “uma urbe atrasada, de analfabetos à beça” (2002, p.129).

Ao citar o analfabetismo associado ao fenômeno do retrocesso citadino, apreende-se que, para o escritor, a ausência de instrução da população leva a cidade a se distanciar da “modernidade”. Do mesmo modo, tal associação nos direciona a refletir sobre a priorização da cultura urbana nessa narrativa. E aqui, retomo as muitas citações a filmes e atores/atrizes estrangeiras, especificamente, norte-americanos, que permeiam a narrativa construída pelo autor por meio do Cine Teatro Santana, revelando a influência do cinema no modo de se vestir, nos hábitos cotidianos e no imaginário social.

Ao mesmo tempo, a ênfase nesse tipo de cultura demonstra uma leitura específica do urbano, ou do que se projeta como cidade “ideal”. Revela os aspectos da urbe que se tornaram significativos para Ramos. E se o olhar literário reconstrói a matéria, é preciso buscar a visão vislumbrada de um outro ângulo. Afinal, como a disparidade social foi representada no *Setembro na Feira?*

O texto narrativo de Bahia, ao retratar a diferença entre classes sociais, não se limita a apenas distinguir entre ricos e pobres, mas especifica com detalhes quem são esses sujeitos e os ambientes que ocupam no espaço urbano, afinal, a própria geografia local apontava o lugar social de cada indivíduo.

Nessa noite Florêncio conhece um aspecto novo para ele da Feira de Santana. A elite da terra, a opinião disputada de João Amorim, adolescentes e adultos bem trajados, moradores do outro lado da cidade, a parte oposta à Queimadinha, da avenida Senhor dos Passos à rua Direita, que aos sábados se transformam o Irajá em ponto chique, para o jogo, a bebida, o sexo (1986, p. 112).

A cidade, ao ser vista e significada por meio da movimentação humana numa confluência entre paisagem e sujeitos, delata os seus dilemas sociais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O verde que não tem por todo o tempo, o boi que tem por essa vida, a Queimadinha é mais contemplativa, convive com o sofrimento e com a grandeza, com a falta d'água e com a feira do gado. O calor sufocante, opressivo como fogo da terra a queimar os pés chatos de Florêncio. Tratadores de carne, boiadeiros, vaqueiros, cantadores, seleiros, coureiros, cortadores de barriga, magarefes, poetadores, capatazes (1986, p. 56).

Ao nomear os moradores da Queimadinha o autor revela os pobres. Caracterizados pelas suas atividades profissionais, são homens e mulheres que buscam sobreviver na urbe, cientes das desigualdades e da pobreza na qual residem. Contidos por meio de uma ordem econômica que determina seus lugares na sociedade, e evidencia o poder exercido pelos coronéis, fazendeiros e comerciantes, aprendem a distinguir “os filhos da terra e os donos da terra, os que constroem e os que manda construir” (1986, p. 68).

Salienta-se que, apesar de serem subordinados à elite local, os populares descritos no romance de Bahia, são atentos a sociedade na qual estão imersos. Por vezes, burlam a ordem estabelecida, o que é demonstrado na narrativa através dos capoeiristas, dos praticantes do candomblé, das conversas no bar, das sessões espíritas, do desejo e iniciativa de Florêncio de viver em outra cidade, da atuação de Tom Palanque, “o tribuno da plebe” e tantos outros comportamentos que revelam a ausência de passividade desses habitantes.

Para mais, a ênfase de Bahia na existência de um processo de transição do poder local dentro das classes abastadas, revela a resignificação do papel do coronel na sociedade.

Então, o coronel Farinha compreende o fenômeno, não foge dele e não o contesta. [...] nestes últimos anos quarenta, que a terra deixou de ser unidade de medida da representação social e que na Feira a classe dos fazendeiros, teve de ceder lugar a outras categorias, aos comerciantes, aos liberais, aos novos líderes, aos intelectuais [...] (1986, p. 44)

A princípio, quando o gado era o centro econômico do município, a dominação social era exercida pelos coronéis, mas à medida que a cidade se transforma e os comerciantes surgem há uma migração do domínio social para a classe que desponta. Não importa mais o controle e atuação do coronelismo, mas sim a fazenda, as terras e suas criações de animais capazes de gerar matéria prima para as indústrias nascentes.

Essas transformações na economia não significavam necessariamente melhorias nas vias urbanas, apontadas pelo romance como “vias esburacadas, escuras, mal-assombradas dos bairros novos e dos subúrbios, [onde se viam] as pessoas defecando no mato das

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

avenidas” (1986, p. 66). Não obstante, no mesmo trecho do texto, o autor expressa expectativa na alusão a uma melhoria futura nas condições de vida proporcionadas pelo município.

Diante dessa “espera” pelo futuro promissor, percebe-se a representação da cidade ainda atrelada a figura da mãe, como um leito de acolhida aos seus habitantes. A escrita de Bahia, não demonstra uma desilusão com o urbano, mas sim com as classes mais enriquecidas, com a exploração social divisada a partir de uma organização e ação de um sistema econômico que se impõe para além dos sujeitos.

Ao apreender as limitações impostas pela realidade da urbe, o autor a transforma criando um imaginário que credita ao bairro da Queimadinha, ou mais especificamente, aos seus habitantes, uma resistência diante das vicissitudes ao mesmo tempo em que demonstra os problemas sociais, como o desemprego que obriga os cidadãos a viverem de “bicos” e o analfabetismo que, ao propagar o voto de cabresto, colabora para a manutenção dos mecanismos de controle da sociedade.

A cidade, humanizada por meio da narração de Bahia, ainda revela a conscientização do operário em busca de legitimar seus direitos trabalhistas, algo exposto por meio do personagem do Boca Torta que “começara como empregado no varejo e ostenta[va] gratificado a ficha de fundador da Associação dos Empregados no Comércio da Feira de Santana” (1986, p.55).

A citação à Associação dos Empregados, em oposição à citação de Ramos da Associação dos Comerciantes, para além de visões distintas, comprova a possibilidade advinda da literatura enquanto fonte, de expor a visão dos autores sobre a cidade a partir de suas sensibilidades e sociabilidades. Ao transmutar para o texto suas impressões, ambos os autores, materializam sentidos em forma de imagens a representar a urbe e seus habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Jorge de Souza. *Floração de imaginários: o romance baiano no século 20*. Itabuna/ Ilhéus: Via Litterarum, 2008.

BAHIA, Juarez. *Setembro na Feira*. Rio de Janeiro/Nova Fronteira, 1986.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BOFILL, Ricardo; VERÓN, Nicolas, 1995 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano-Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2 ed. -Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. *Projeto História-“Os trabalhos da Memória”*, São Paulo, n.10,p.7-28,1993.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950 – 1960)*. Tese de doutorado em História, UFPE Recife, 2008.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. *De Empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana, 1893 - 1987*. Dissertação de Mestrado em História, Salvador, Mestrado em História/ UFBA, 2000.

_____. *Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960*. Salvador: EDUFBA, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & Literatura: uma velha nova “história”*. In COSTA, Cléria Botelho da & MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.). *História e Literatura, identidades e fronteiras*. Uberlândia. EDUFU, 2006.

_____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2º edição. Porto Alegre: Editora Universidade, UFRGS, 2002.

RAMOS, Fernando. *O Lobisomem de Feira de Santana*. Salvador, SCT, EGBA, 2002.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. (2000). Tradução Alain François et al. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

ROCHA, Ruth. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2005. p.709.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. *Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919 – 1946)*. Dissertação de Mestrado em História, UEFS, Feira de Santana, BA; 2002.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VIEIRA, Guilherme Augusto & BAIARDI, Amílcar. *O pioneirismo da Bahia no isolamento do vírus da “gripe coreana” em 1951 e a possibilidade de desenvolvimento de uma vacina específica*. Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional d História da Ciência e da Tecnologia – 14ºSNHCT. Belo Horizonte, Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2014.